ENSAIO

As Provas do Caminho

Renato Gonçalves da Silva

Não se mede a força de um homem pelo que carregou sem cair,
mas pelo que carregou sem perder a dignidade.

Há uma lei silenciosa que rege a existência humana, anterior a qualquer código, a qualquer religião ou filosofia: a lei das provas. Ninguém atravessa os dias ileso. Ninguém conclui uma vida sem ter sido dobrado, ao menos uma vez, pelo peso invisível daquilo que não pediu e que, ainda assim, veio. A existência não é uma linha reta que vai do berço ao túmulo sem desvios — ela é, antes, uma trilha acidentada, ora coberta de sombra, ora banhada de luz, onde cada pedra no caminho tem o tamanho exato daquilo que ainda não aprendemos.

As dificuldades não chegam ao acaso. Mesmo quando parecem arbitrárias — e às vezes parecem cruéis demais para ter qualquer sentido —, elas guardam uma pedagogia que só o tempo revela. O erro que cometemos ontem é o mestre mais severo que jamais encontramos. A facilidade que não merecemos nos torna frágeis; o obstáculo que superamos nos torna inteiros. Não existe crescimento que não tenha passado antes por uma ruptura. Não existe alguém verdadeiramente maduro que não tenha, em algum momento, olhado para a própria vida e não reconhecido mais o rosto que via.

É nesses instantes de irreconhecimento de si mesmo que surgem as forças invisíveis. A resiliência não nasce nos dias calmos — ela nasce na beira do abismo, quando o corpo já não aguenta e o espírito ainda insiste em ficar. Ela não é ausência de dor; é a capacidade de doer e ainda assim não ceder. A resignação, mal compreendida por muitos como fraqueza ou passividade, é na verdade uma forma sofisticada de sabedoria: é o ato de reconhecer os limites do próprio alcance sem abandonar a dignidade. Resignar-se não é desistir — é escolher a paz em vez da batalha que não pode ser vencida. É poupar energia para lutar onde ainda há chance.

E há a fé. Não necessariamente a fé institucionalizada, a fé de ritos e altares — embora esta também tenha seu valor —, mas a fé que mora no fundo do ser como uma brasa que recusa o vento. A fé de que tudo aquilo que vem tem um lugar no grande tecido do que somos. A fé que nos impede de nos converter inteiramente ao desespero, mesmo quando o desespero parece a única resposta racional diante do que nos acontece. O desespero é natural — negar isso seria mentir sobre a condição humana. Mas a fé é mais antiga que o desespero, e mais resistente.

Vivemos encarnados — palavra que não pertence apenas ao vocabulário místico, mas que descreve com precisão a experiência de ser um espírito alojado em matéria, sujeito às suas leis, às suas limitações, às suas dores e às suas tentações. Esta encarnação tem seus testes específicos: o

teste da perda, o teste da injustiça, o teste da abundância que corrompe, o teste da escassez que humilha, o teste do amor que não encontra reciprocidade e do amor que chega quando já não se esperava mais. Cada um de nós carrega um currículo de provas que ninguém mais conhece por inteiro, nem mesmo os que nos amam.

O momento ruim, por mais que pareça definitivo, não o é. Esta é uma das verdades mais difíceis de se habitar quando se está dentro do sofrimento — porque, do interior da dor, a perspectiva do tempo se distorce. Um minuto pode durar uma eternidade quando é um minuto de angústia. Mas a história da humanidade é, entre outras coisas, um longo registro de crises superadas, de invernos que cederam à primavera, de noites que não conseguiram vencer o amanhecer. Mais este momento ruim também passa. Esta frase, simples como é, carrega mais sabedoria filosófica do que muitos tratados inteiros.

A paz não é a ausência de tempestade. É a certeza, cultivada pacientemente, de que a tempestade tem fim. É a memória de todas as outras tempestades que já passaram. É a confiança — irracional, talvez, mas humana e necessária — de que algo em nós é mais duradouro do que a adversidade que nos visita.

Mas as provas não vêm apenas de dentro. Elas vêm, em grande medida, das relações. O outro — essa presença inevitável e muitas vezes desconcertante — é ao mesmo tempo nossa maior fonte de alegria e nossa prova mais constante. Sobreviver em coletividade é uma arte que a história da civilização ainda não dominou por completo. Cada relação humana é um campo de forças onde interesses, medos, amores, ressentimentos e sonhos se encontram e frequentemente colidem.

Os interesses pessoais não são, em si, uma vilania. São expressão legítima da sobrevivência e do desejo — e todo ser humano os possui, ainda que nem sempre os admita. O problema surge quando se tornam o único critério de orientação, quando a bússola interna aponta sempre e exclusivamente para o próprio norte, sem qualquer consideração pelo território do outro. A difícil arte de viver junto exige uma negociação permanente entre o que somos e o que os demais também são. Esta negociação não tem fórmula pronta. Ela se recria a cada encontro, a cada conflito, a cada reconciliação.

Nem sempre os interesses se conciliam. Nem sempre é possível preservar a si mesmo e ao outro ao mesmo tempo. E é aqui que a existência apresenta seu dilema mais profundo: o eterno conflito entre a escolha e a desistência. Escolher é assumir uma direção sabendo que outras ficam para trás. Desistir é reconhecer, com coragem ou com derrota — às vezes com ambas —, que o caminho escolhido não levava aonde precisávamos chegar. Não há como viver sem escolher. Não há como escolher sem desistir de algo. E não há como desistir sem que uma parte de nós doa.

A sabedoria não está em escolher sempre certo — pois isso seria dom, não virtude. A sabedoria está em escolher com consciência, em desistir com integridade, e em encontrar, no

meio do caminho, a coragem de recomeçar. Recomeçar não é apagar o que foi. É aceitar que o que foi já cumpriu o seu tempo, e que o que vem ainda tem o seu.

As provas do caminho não têm por finalidade nos destruir. Têm por finalidade nos revelar. No fundo de cada dificuldade está escondido algo que não sabíamos sobre nós mesmos. No centro de cada crise está o germe de uma transformação que, sem aquela crise, nunca ocorreria. Não é uma constatação fácil de se fazer quando se está no interior da provação — e tampouco seria honesto exigi-la de quem sofre. Mas é uma constatação que o tempo frequentemente valida.

Somos, cada um de nós, uma obra inacabada. As provas são o cinzel. O caminho é a pedra. E o que vai surgindo, lentamente, entre as bordas e os golpes, entre as escolhas e as renúncias, entre a fé e o desespero, é aquilo que veio ao mundo para ser: uma alma que aprendeu a ser humana — com tudo que isso implica de grandeza e de fragilidade.

O caminho não termina onde pensávamos. Termina onde deveria.

Renato Gonçalves da Silva

Renato Gonçalves da Silva

© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Direitos autorais registrados. Todos os direitos reservados. Reprodução proibida sem autorização expressa do autor.